



Universidade de Brasília

Instituto de Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

XXI Curso de Especialização em Relações Internacionais

**Guernica, Dresden e Hiroshima e a IV Convenção de Genebra sobre
proteção à população civil.**

Jussara de Rezende Assaff

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Pio Penna Filho

Brasília

2020

RESUMO

O século XX passou por inúmeras turbulências. A ascensão de divergentes ideologias e as ambições de exportá-las ao resto do mundo, combinado aos totalitarismos que emergiam, impôs uma briga de egos, refletida em inúmeras guerras, duas delas mundiais. O sofrimento humano infligido nesse período não há precedentes. A cruel Guerra Civil Espanhola apresentou ao mundo a brutalidade de um ataque aéreo a Guernica, uma população civil, como forma de testar armamentos, por parte dos nazistas. Dresden provou que os aliados da Segunda Guerra Mundial também eram capazes de tamanha atrocidade. O ataque nuclear a Hiroshima mudou o curso das relações internacionais. Esses três ataques a populações majoritariamente civis estimularam a criação da IV Convenção de Genebra, que versa sobre a proteção à população civil e aos ex-combatentes.

Palavras-chave: Guernica, Dresden, Hiroshima, proteção à população civil.

ABSTRACT

The Twentieth Century went through countless turbulences. The rise of divergent ideologies and ambitions of exporting them to the rest of the world, combined with emerging totalitarisms, imposed of ego fights, reflected in several wars, two of them World Wars. Human suffering inflicted during this period is unprecedented. A cruel Spanish Civil War presented the world with the brutality of an air attack on Guernica, a civilian population, as a way of testing armaments by the Nazis. Dresden proved that the II World War allies were also capable of atrocities. The nuclear attack on Hiroshima changed the course of international relations. These three attacks cities with populations mostly civilian led to the creation of the IV Geneva Convention, which deals with the protection of the civilian population and ex-combatants.

Key-words: Guernica, Dresden, Hiroshima, protection of the civilian population.

O século XX e o fim do Concerto Europeu

A primeira metade do século XX foi atroz, para dizer o mínimo. A história relatou o fim de grandes potências, dos grandes impérios, do Concerto Europeu, da paz. A mesma história nos conta da ascensão de novos regimes e ideias políticas, do Estado-nação, das repúblicas, das democracias. Também é essa história que nos conta que, para alcançar tudo isso, milhões de vidas foram dizimadas; milhões de mulheres ficaram viúvas, crianças ficaram órfãs, pais enterraram filhos. Das maiores atrocidades cometidas nessas décadas, vimos o auge da crueldade humana atacar aqueles que não eram parte dos conflitos; a crueldade humana chegou ao seu ponto mais alto quando, para demonstrar força, atacou idosos, mulheres e crianças.

Ao final do século XIX, vimos a ambição europeia levar o continente a partilhar a África à sua maneira e interesse. O novo colonialismo, marcado por uma rivalidade em busca de mercado, levou as grandes potências a divergirem entre si. Esse período, combinado a uma Alemanha recém unificada, e aos ideais do chanceler alemão Otto von Bismarck, lançariam a potência germânica a um novo modelo político ambicioso e almejando aumento de sua influência no mundo. Enquanto as grandes potências focavam sua atenção no continente africano e no aumento de seus mercados coloniais, a Alemanha se consagrava uma potência satisfeita, realizando tratados e acordos secretos, além de investir em programas bélicos e de construção naval, o que viria a tirar a Inglaterra de um isolamento esplêndido que vinha mantendo em relação ao continente.

A Alemanha, claramente determinada a implementar sua *Weltpolitik*, mexeu com o equilíbrio de poder estabelecido pelo Concerto Europeu, que manteve 100 anos de paz, ou 100 anos de ausência de guerras generalizadas entre grandes potências, à exceção da Guerra da Crimeia. As rivalidades começaram a aumentar, os antigos parceiros passaram a ser atuais antagonistas. Os grandes Impérios tornaram-se cada vez mais ambiciosos e desconfiados e os acordos secretos foram elevando cada vez mais os ânimos no Velho Mundo. Uma crise nos Bálcãs, fruto de interesses de grandes Impérios, deu início, por meio do assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, à primeira Grande Guerra que envolveria as maiores potências do mundo.

A primeira Grande Guerra mobilizou 65 milhões de homens; deles, matou 8 milhões e mutilou 21 milhões¹. Ela eliminou 4 Impérios e saiu do número de 3 para 13 Repúblicas ao longo de seus 4 anos. A sangrenta guerra transformou a Europa, de acordo com Mazower, em

¹ MAZOWER, 2001.

um “laboratório em cima de um vasto cemitério”. Ao longo dos 4 anos atroz da guerra Eurocêntrica, vimos a ascensão do comunismo como uma alternativa ao capitalismo e, especialmente, aos grandes Impérios. A Revolução Russa, iniciada durante a Primeira Guerra Mundial, apresentou o espectro da subversão comunista e o ódio das elites governantes a essa ideologia.

O Tratado de Paz de Versalhes de 1919 representou o quanto o homem não aprendeu com essa guerra. O revanchismo francês e sua estúpida insistência em que a Alemanha assumisse toda a culpa pela guerra que assolou o velho continente impôs ao país germânico e a outros países uma situação que não poderia suportar, levando o povo sobrevivente à miséria, tentando pagar pela ambição de seus líderes. Desse período dramático, chamado por Edward Carr de Vinte Anos de Crise, emergiram três ideologias rivais, que se acreditavam destinadas a mudar o mundo: a democracia liberal, o comunismo e o fascismo². A luta entre as três ocuparia a maior parte do que Hobsbawm chama de “Era dos Extremos”³.

Em meio à reconstrução do Velho Mundo no pós I Guerra Mundial, houve a tentativa de uma Liga entre as Nações, que almejava a paz. Essa proposta feita pelo então presidente dos Estados Unidos não perdurou; o próprio Congresso Americano rejeitou a ratificação do acordo. Em 1929, a quebra da Bolsa de Nova Iorque levou a economia mundial a uma abrupta crise. A queda do poder econômico americano, a dificuldade europeia em se refazer, a ascensão de uma União Soviética, uma crise na democracia em escala global, levaram ao crescimento de ideologias extremistas e ultra-nacionalistas. Dentre elas, vimos a ascensão do fascismo iniciado na Itália, seguido pelo nazismo alemão.

Esses dois países foram exemplos seguidos por outras nações que se viam, àquele momento, sem opção. Portugal viu o início do Estado Novo autoritário, em 1933, instaurado por António Salazar e, não muito depois, a Espanha viu um grupo com ideais autoritários e fascistas iniciarem um levante, em 1936, que levaria esse país a uma sangrenta guerra por três longos anos.

A Guerra Civil Espanhola foi a prova de que a solução da Primeira Grande Guerra não foi bem aceita ou bem idealizada por todos os países envolvidos. Não levaram 20 anos para que a Europa visse um de seus países aterrorizado pelas atrocidades e pela capacidade humana de se autoflagelar. A Guerra Civil espanhola funcionou como um campo de treinamento para os nazistas e fascistas, que, já a essa época, pretendiam expandir e levar seu ideal para toda a

² MAZOWER, 2001.

³ Eric Hobsbawm chama de “Era dos Extremos” o período que compreende os anos 1914 a 1991, de acordo com seu livro A Era dos Extremos, 2003.

Europa e todo o mundo. Ali, viu-se testado o poderio bélico de Hitler, que enviava, secretamente, armamentos para a falange, grupo ultra-nacionalista, liderado por Francisco Franco.

A corporificação das tensões em território espanhol

A Espanha vivia anos violentos já ao final do século XIX, por divergências políticas. Havia uma crise no país, e diversos movimentos começaram a surgir, ganhar força, se conectar. Uma ala conservadora lutava para restabelecer a dinastia Bourbon, ao mesmo tempo em que crescia o movimento anarquista que propunha uma estrutura de comunidades cooperativas, sendo, portanto, representada pela classe operária. Esses movimentos passaram a ser extremamente violentos, com torturas seguidas de assassinatos entre todos os grupos. Entre 1890 e 1920, a Espanha passou por anos turbulentos, principalmente os que coincidiram com as datas das Revoluções Russa e Alemã, ao final da Primeira Guerra Mundial⁴.

A crise que a Grande Guerra gerou, elevando enormemente a inflação, favorecendo os industriais, porém dificultando a vida dos trabalhadores, que não via seu salário crescer na mesma proporção, combinada à Revolução Russa, elevou os ânimos da esquerda, que promoveu diversas greves e tornou-se um tanto combativa à época. Uma greve foi promovida entre várias cidades e regiões de Espanha, como resposta ao fechamento do Parlamento e à suspensão das garantias constitucionais. A greve promovida nas Astúrias, região mineira, durou um mês e foi repreendida por um jovem major, que seria reconhecido pelo feito e mostraria futuramente toda a força de seus ideais. Esse major chamava-se Francisco Franco.

Embora não tendo participado na Primeira Grande Guerra, a Espanha sofreu as consequências econômicas e a instabilidade gerada no "continente sombrio". Dentro do país, via-se crescer o movimento ultranacionalista tal qual os movimentos anarquistas e comunistas. Em janeiro de 1931, uma greve universitária gerou tamanha agitação que levou a conflitos intensos e uma disseminação dos ideais do centro e da esquerda. As eleições municipais daquele ano resultaram em socialistas e republicanos vencendo em quase todas as capitais das províncias e à Proclamação da Segunda República, a 14 de abril, levando também à fuga do Rei de Espanha⁵.

⁴ Importante ressaltar que a Espanha não participou da Primeira e nem da Segunda Guerras Mundiais.

⁵ BEEVOR, 2007.

A Segunda República iniciou com o drama da crise econômica de 1929, tendo que reduzir o número de Academias militares, bem como seus membros, como a de Zaragoza, comandada por Francisco Franco. Além disso, trouxe a separação da Igreja e do Estado e a liberação do culto, elevando assim os ânimos da Igreja Católica, fortíssima no país. Os conflitos aumentaram a ponto de culminar na expulsão de líderes da Igreja, como medida de proteção ao Estado.

O segundo período republicano sofreu diversos tipos de oposição, por meio dos movimentos nacionalistas, separatista catalão e camponês, ao mesmo tempo em que via os socialistas pedirem as devoluções das terras confiscadas da Igreja e a dissolução da Guarda Civil. Nesse momento também se nota um movimento nacionalista se estruturando e coordenando ideias e levando o movimento chamado Falange, liderado por Primo de Rivera, filho do antigo ditador Miguel Primo de Rivera, a disseminar seus ideais. Tal movimento se considerava a parte “branca” da Espanha e proclamava ideias de eliminação dos inimigos, além de contar com apoio de boa parte das autoridades civis e militares, e da Igreja.

A primeira metade da década de 1930 foi muito turbulenta na Espanha, mas não tanto quanto viria a ser segunda metade. Em fevereiro de 1936, na Catalunha, torna-se possível notar as aproximações e distanciamentos políticos que já aconteciam por todo o país. Houve dissolução das cortes e convocação de novas eleições, muito importantes, uma vez que havia sido posta na legalidade a possibilidade de criar coalizões entre partidos políticos, antes proibida, o que levou a inúmeras alianças entre a direita e entre a esquerda, esvaziando, dessa forma, o centro, demonstrando já um povo que recorria à possibilidade de extremos. A coalizão de esquerda, representada na Frente Popular, vence a eleição, o que leva, quase que imediatamente, a uma movimentação da direita para uma possível batalha.

Os ânimos estavam exaltados entre os espanhóis. A facção fascista de Rivera, representada na Falange, que negociava com o movimento franquista, do major Franco, se mobiliza, a fim de aumentar seu poderio bélico com compras de armamentos ingleses. Passam a atentar contra a vida de líderes dos movimentos opostos, o que leva o governo a colocar a Falange na ilegalidade. O medo da direita nacionalista de que a Espanha se tornasse uma União Soviética incita um levante entre os homens do general Francisco Franco, tinha em mente estabelecer um governo autoritário, centralizado.

Iniciaram-se tentativas de assassinatos aos opositores do movimento nacionalista de maneira aberta. Essa ação promoveu a criação de um exército comunista em paralelo e de colunas socialistas para ataque aos pelotões fascistas. A Espanha se transformava em um país fratricida e ingovernável aos olhos de seu povo. Ouviam-se informações de um levante sendo

preparado, mas o Estado não acreditava, falhando, inclusive, em armar os trabalhadores que elegeram os governantes.

Enquanto o Estado não enxergava a intensificação das movimentações, Franco se movia e se preparava para iniciar a sublevação no Marrocos espanhol. Período interessante, pois acontecia ao mesmo tempo em que Adolf Hitler expandia sutilmente seu domínio, com a preparação para o *Anchluss* (anexação) da Áustria; de outro lado, Benito Mussolini havia logrado invadir a Abissínia e planejava o aumento de seu novo império para o norte da África. Estrategicamente, começar um novo governo com ideais fascistas na ponta do continente e em fronteira com a França era perfeito para os planos dos líderes alemão e italiano. Conhecendo os interesses de Hitler e Mussolini, Franco tinha a tranquilidade de saber que, se o golpe não fosse bem sucedido, teria apoio e teria para quem recorrer.

Em 17 de julho de 1936, inicia-se o Levante, no Marrocos espanhol. Um país dividido entre a revolta nacionalista e a revolução esquerdista. O governo levou tempo para armar o seu verdadeiro exército, que era dos apoiadores, os trabalhadores. Ainda assim, Madri resistiu e Franco não conseguiu tomar a capital. Para que seu levante não perdesse força, precisava demonstrar suas conquistas. Franco, à época já general, avançou pelo país de forma rápida e estratégica.

O fracasso dos rebeldes em tomar a capital e do próprio governo em esmagar o levante transformou a revolta em uma Guerra Civil sangrenta e longa, o que a transformou também, dado o cenário europeu à época, em uma guerra internacionalizada. Como mencionado anteriormente, era muito estratégico para Hitler ter a Espanha como aliada, colocando a França comprimida, em suas maiores fronteiras, entre três países fascistas (Alemanha, Espanha e Itália). Quando do início do levante, a República da Espanha solicitou ajuda à República da França, também liderada por uma Frente Popular. A França se viu colocada em uma posição difícil: apoiar a República Espanhola e não se ver apertada pelos dois lados ou seguir as orientações da Grã-Bretanha, que prezava pela manutenção dessa amizade que era contra o envio de armamentos e receava que, ao ajudar o colega ibérico, a França acabaria por incitar um problema dentro do seu próprio território.

Ao início da guerra espanhola, a Grã-Bretanha se viu tomando a decisão de não se envolver na guerra, acreditando que seria melhor uma vitória fascista a uma soviética. Para os britânicos, as atrocidades cometidas dentro do território ibérico tinham duas interpretações: para a zona republicana, seria um produto da multidão desorganizada, enquanto que para a zona nacionalista, seriam atos que restaurariam a lei e a ordem. Para além disso, Franco ainda era

visto como um bom oficial conservador, que pretendia combater uma revolução social e cuja ditadura liberal favoreceria interesses britânicos⁶.

A decisão britânica de dificultar as relações com a França em caso de a última se envolver na guerra espanhola colocou a república em posição de esquecimento, ao mesmo tempo em que os nacionalistas recebiam toda a ajuda necessária. Antônio Salazar, em Portugal, apoiava a causa nacionalista, colocando-se à disposição para fornecimento de armamentos e homens por meio da sua divisa que o tornava o vizinho ideal para a causa fascista.

Enquanto a República estava totalmente desolada e abandonada, a Alemanha e a Itália secretamente armavam a zona nacionalista. A situação do apoio ao levante ficou muito confortável para os países nazi-fascistas, uma vez que viam a possibilidade de fechar o cerco para França e, em caso de serem descobertos se envolvendo na guerra, alegariam apoio ao anticomunismo. Para a Alemanha, apoiar Franco era um custo muito baixo para uma recompensa muito grande. Centrava-se na ideia de que apoiar Franco tiraria o foco da sua ação na Europa central e ainda daria a oportunidade de treinar seus homens e experimentar suas táticas e equipamentos de guerra. Hitler tornava a Espanha um campo de treinamento.

A guerra começou a escalonar, a tornar-se mais violenta e a ex-URSS passou a ser cobrada pelos partidos comunistas europeus para que viesse a auxiliar a República Espanhola, para que a militância não se desmotivasse. O envolvimento e intervenção na guerra espanhola aumentaram, devido a interesses e medos de diversos países. A Espanha, àquele momento, contemplava a imagem exagerada de todas as paixões, tensões e energias dessa era turbulenta⁷.

A Internacionalização da guerra e o Tratado de Não Intervenção

A exacerbação dos ânimos na Espanha, como um reflexo do que já se via em uma Europa, que não havia formalizado soluções estáveis para seus conflitos, no período que compreende os 20 anos entre a Primeira e a Segunda grande guerra, causava medo e pavor entre os outros países do continente. Esse medo combinado com a crescente solicitação espanhola por envolvimento, que vinha tanto do lado nacionalista quanto do republicano, fez com que a Grã-Bretanha criasse um acordo que seria assinado por 27 países, no qual haveria a promessa de não-intervenção.

⁶ BEEVOR, 2007, p 207.

⁷ SALVADÓ, 2008, p 25.

Muitos dos países europeu, à época, não apoiavam o governo eleito democraticamente na Espanha, por acreditarem ser comunista, o que levava à sua absoluta negligência em relação ao golpe desferido por Franco ao país ibérico. Isso obrigou os britânicos a fazerem uma série de acordos unilaterais, que levariam à concretização do tratado de não intervenção denominado *Non Intervention Agreement* (NIA). Tal tratado contava com um Comitê de Não Intervenção (NIC), no qual era possível ouvir acusações dos próprios membros. O grande problema era que não eram ouvidos os partidos espanhóis, jornalistas e cidadãos, ou seja, as partes interessadas, tornando o NIA uma perfeita frente camuflada na luta contra a República espanhola.

Aos olhos do povo espanhol, a criação do NIC era muito diferente do que se prometia. Não havia apenas uma prevenção à participação estrangeira, mas um modelo perfeito para assegurar o fim da República, tida como socialista. Era uma farsa diplomática para o exercício do poder sobre a opinião pública, que prometia não intervenção ao mesmo tempo que intervinha ao não fazer absolutamente nada. A Espanha havia sido abandonada e o povo espanhol havia sido aprovado para o teste de funcionamento dos armamentos nazi-fascistas. O reforço bélico nacionalista vindo da Alemanha e a paralisia francesa diante da potência britânica ajudariam a definir o resultado da guerra.

Não havia provas, mas se sabia que armamentos de qualidade chegava às mãos dos revoltosos, de forma a auxiliar o lado nacionalista da guerra. A União Soviética, pressionada pelos apoiadores da República, pronuncia-se perante o NIC, afirmando sua intenção de passar a apoiar a Frente Popular, em caso de não cessarem as intervenções⁸. Tal afirmação levou à criação das Brigadas Internacionais, que levou socialistas, comunistas, anarquistas do mundo todo para a luta contra Franco. Levou também pessoas dispostas a lutar contra o crescimento do fascismo na Europa. Hobsbawm afirma que mais de 40 mil jovens estrangeiros, de mais de 50 países, se envolveram na guerra espanhola⁹.

Operários derrotados em seus países passaram a se alistar para lutar ao lado dos que defendiam a República espanhola, como forma de vencer o ideal fascista e tentar impedir que o mesmo se expandisse. O medo do reforço dado pelos fascistas ao lado revoltado da guerra levou a URSS a enviar seus próprios soldados que, camuflados, se inseriam nas brigadas como se fossem voluntários¹⁰. O reforço dado pelos voluntários pela URSS se provou eficiente na tentativa de invadir Madri, em 1937. Franco sitiou a capital por todos os lados, pois tomá-la

⁸ SALVADÓ, 2008, p 114. O autor afirma que a URSS se pronuncia de forma a informar que, em caso de não cessarem as violações ao NIA, estaria então livre de suas obrigações. De acordo com o autor, a URSS decide apoiar independente da confirmação de os fascistas deixarem ou não de dar apoio o lado nacionalista da guerra.

⁹ HOBBSAWM, 2003, A Era dos Extremos, p 161.

¹⁰ BEEVOR, 2007, p 237

acabaria com a guerra e levaria à sua vitória. Não logrou, as forças republicanas não desistiram e Madri não foi tomada.

A resistência de Madri conseguiu, por um lado, prolongar a guerra, o que dava aos republicanos a possibilidade e a esperança de uma vitória. Por outro lado, via-se uma queda de prestígio nacionalista que colocou Hitler e Mussolini na posição de precisarem tomar uma decisão entre enviar ainda mais esforços e assustar França e Grã-Bretanha ou em arriscar perder a guerra que colocaria a França em um “sanduíche” entre dois países fascistas, ao mesmo tempo que colocava o mencionado prestígio em jogo, já que a imagem dos grandes líderes fascistas já estava totalmente atrelada à vitória de Franco.

A guerra tornava-se cada vez mais sangrenta, longa e violenta. A Espanha virou palco de uma batalha ideológica e de egos. Ali venceria quem tivesse maiores capacidades para o fratricídio. Via-se o aumento das atrocidades por todos os lados. O ego fascista combatia a esperança republicana. Esperança essa que entendeu o poder da violência, e passou a atacar os nacionalistas com a mesma perversidade, embora com piores armamentos.

A luta internacional contra o comunismo prescindia de empatia e esquecia do valor da vida humana. A liderança britânica foi uma das maiores inimigas da República e, de certa forma, do povo espanhol. A luta contra o comunismo era mais importante que as vidas humanas ceifadas na guerra espanhola. O estágio da fraternidade, conclamado na Revolução Francesa, ainda não servia aos propósitos. As vantagens que a Grã-Bretanha tiraria com a vitória de Franco nessa guerra seriam muitas, desde possibilidade de empréstimo de capital ao país ibérico arruinado, até a manutenção da URSS na periferia, mantendo assim em alta o capitalismo que tanto apregoava.

A princípio, o NIA era uma forma de impedir a expansão e limitar a batalha espanhola ao território espanhol. A não intervenção da Europa na guerra espanhola, combinada à inferioridade militar e econômica francesa em relação ao colega britânico, permitiam a derrota republicana e as ações arbitrárias de Hitler, que precisava testar seus armamentos e estratégias de maneira prática. Legião Condor foi o nome dado a uma força majoritariamente aérea enviada pelo Reich a Franco. A Luftwaffe alemã enviava secretamente seus aviões de guerra com soldados em treinamento, aproveitando para identificar os defeitos da base aérea alemã e corrigir a tempo da grande ofensiva no continente.

Espanha vivia tempos sombrios. Os níveis de violência e atrocidades já não eram calculáveis em número, muito menos em sofrimento. Já se haviam passados meses dessa guerra, quando a ambição e a crueldade humanas atingiram o seu ponto mais alto desse conflito. Ali, o ser humano expôs sua incrível capacidade de priorizar a economia, a ambição e o poder em

relação a outras vidas. Ali, o ataque foi contra toda a humanidade. Ali, a pureza das crianças, o amor das mães e a esperança que floresce nos corações humanos viu a sombra da fumaça invadir o peito, viu a vida se esvaír dos olhos dos seres mais inocentes que poderiam ser envolvidos numa guerra de interesses que valiam mais que a própria vida!

Uma pequena cidade da região do País Basco, no noroeste da Espanha, próxima à França, que havia visto a maior parte de seus homens a deixarem, para combater nessa guerra, que mais parecia uma sinopse do que se tornaria a Europa 3 anos depois. A cidade de Guernica contava, em sua maioria com mulheres, crianças e pessoas incapazes de se envolver em um conflito bélico, uma vez que os homens capazes estavam envolvidos na guerra, grande parte, em apoio à República espanhola¹¹. O ataque da Legião Condor dizimou uma população, ceifou milhares de vidas, para que o ego nacionalista provasse que quem tem mais poder militar, tem mais poder de influência e pode, dessa forma, subjugar o próximo a seus interesses que, perante a vida, deveria parecer fútil.

No dia 26 de abril de 1937, um bombardeio de 3 horas assolou a cidade basca, que era uma referência da tradição cultural da região. A poderosa frota de aviões descarregou sobre a cidade bombas de 500 quilos e cerca de 3000 projéteis incendiários e isso foi publicado no dia seguinte pelo Times de Londres¹². Os caças voavam rasante para metralhar a população civil que, desesperadamente, se refugiava nos campos. A manifestação da brutalidade fascista causou danos incontáveis, exterminou toda uma população de civis. O ataque eliminou o espírito de liberdade e de orgulho que a cidade de Guernica representava para a pátria espanhola. Não havia regulamentação internacional que protegesse os civis dos horrores da guerra, ela viria a ser escrita em 1949, após as atrocidades da Segunda Grande guerra.

A crueldade do Tratado de Não Intervenção por parte dos aliados e a importância de mostrar ao mundo o nível de brutalidade dessa guerra civil, levou o grande artista espanhol Pablo Picasso a pintar uma das maiores obras da história da humanidade. Pablo Picasso pintou Guernica, em 1937, como maneira de se valer do seu prestígio para representar o grito de desespero que ecoava na Espanha. A pequena cidade, tão representativa dos horrores dessa guerra, contou com um total de 1654 mortos e 889 feridos¹³; “Guernica foi para a Luftwaffe um campo de experiências. Um fato desagradável, concordo, mas não conhecíamos outro lugar

¹¹ SALVADO, 2008, p 196.

¹² ARNHEIM, 1976, p 29-30.

¹³ (RIZZONI, Franco - Pró e Contra - O Julgamento da História, p 106)

melhor para realizar um teste com nossos bombardeios”¹⁴, declarou aos juízes das Nações Unidas o Marechal-do-ar Goring, em 1946, antes de se suicidar em Nuremberg.

Figura 1 - *Guernica*¹⁵



Após o ataque brutal a Guernica, a guerra ficou escancarada aos olhos do mundo e aquele antigo tratado de não intervenção deixou de ser respeitado. A Grã-Bretanha passa a apoiar abertamente Franco. A URSS, assustada com a abertura da leniência britânica em relação à expansão nazi-fascista, aumenta seu reforço e a França abre as fronteiras para que chegue até a Espanha republicana os armamentos enviados pelos soviéticos. O reforço não foi suficiente. Em novembro de 1938, os últimos republicanos ainda em luta, recorriam a Stálin que, a essa altura, decidiu participar do jogo da conciliação, buscando uma aproximação com a Alemanha, que renderia um pacto de não agressão em 1939.

Para finalizar a guerra e tomar o restante do território que faltava, que incluía Madri, Franco consegue mais uma concessão de armamentos nazistas, mediante aprovação de exploração de minério de ferro de mais de 200 minas. Isso permitiu a vitória fascista no território ibérico. A 27 de fevereiro de 1939, Grã-Bretanha e França reconhecem oficialmente a Espanha de Franco e a primeiro de abril de 1939, Franco pronuncia o fim da guerra.

O balanço dessa guerra cruel, brutal e atroz é incalculável. Diversos autores escrevem sobre a guerra, mas não há números certos para apresentar o terror daqueles 3 anos vividos pela Espanha. É importante ressaltar que essa guerra não apenas se mostra como um campo de treinamento e testes para os armamentos nazistas, como também representa, por meio do ataque a Guernica, um dos primeiros ataques aéreos a uma cidade totalmente civil. As pessoas que ali morreram foram muito importantes para história e para criação dos protocolos que seriam adicionados aos Acordos de Genebra de 1949, que versam sobre a proteção à população civil e aos bens de caráter civil.

¹⁴ (RIZZONI, Franco - Pró e Contra - O Julgamento da História, p 108)

¹⁵ Disponível em: <<https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/quernica>>. Acesso em: 28/04/2020.

A Segunda Guerra Mundial e o ataque a civis por parte dos aliados

DRESDEN

A Guerra Civil Espanhola foi uma “pequena” demonstração do que estaria por vir entre os anos de 1939 e 1945, iniciando na Europa, se disseminando para o resto do mundo, os horrores de mais uma Grande Guerra Mundial, ainda mais que a Primeira, que mais se restringiu ao território europeu. As tensões, paixões e turbulências que foram possíveis de serem vistas na Espanha, agora se viam disseminadas pelo mundo, colocando, mais uma vez, a Europa como palco central desse conflito avassalador.

A Segunda Guerra Mundial já não era mais um ambiente de testes de armamentos, como a Guerra Espanhola. Nesse momento, essas armas já estavam em pleno funcionamento. Viam-se ataques aéreos por toda a Europa, com foco para indústrias bélicas e áreas militares. Esse foco, no entanto, não era exclusivo. A Segunda Grande Guerra foi uma das maiores devastadoras de vidas humanas, inclusive de civis.

Dois bombardeios importantes e inesquecíveis foram realizados já no último dos longos seis anos que durou esse evento catastrófico da história. As cidades de Dresden, na Alemanha, e Hiroshima, no Japão, são exemplos de demonstração de força e de que o horror da Guerra Civil da Espanha e o ataque a Guernica não tiveram tanto a ensinar em tão pouco tempo. O ser humano carecia de mais, para que pudesse entender a importância da fraternidade.

A Alemanha foi terrivelmente destruída durante a guerra. Suas indústrias de armamentos, zonas de mineração, e as indústrias mais economicamente ativas do país foram bombardeadas ou atacadas de alguma maneira. Esse era o meio encontrado para neutralizar ou reduzir a força nazista em expansão. O Vale do Ruhr era importante alvo estratégico, por seu fornecimento de energia elétrica, produção de carvão, ferro e aço, além de ter o controle dos níveis das hidrovias que transportavam material entre as fábricas e os depósitos militares alemães. Era, dessa forma, compreensível que houvesse ataques a essa região, que era fortemente protegida e contava com grande contingente de militares.

Diferentemente do que aconteceu com uma outra cidade, documentada como centro histórico e cultural da Saxônia, centro administrativo e uma das mais refinadas cidades

residenciais da Alemanha¹⁶. Durante esses seis longos anos, inúmeras vezes a Europa ouviu os alertas de ataques aéreos. Na noite de 13 de fevereiro de 1945, iniciou um dos mais terríveis ataques desse conflito. Dresden, cidade do leste da Alemanha, seria bombardeada por 2 dias seguidos.

Em janeiro de 1945, Dresden havia sido classificada pelo Reich, secretamente, como área defensiva, uma posição militar fortificada, ou seja, uma área que receberia defesas de natureza temporária. Faria uma linha de defesa contra os soldados soviéticos desde Praga até Hamburgo, passando por Dresden. Os habitantes civis da cidade não sabiam dessa nova função que seu lar teria. Iniciou-se a construção de valas antitanques nos arredores¹⁷, ao mesmo tempo em que as autoridades tentavam espalhar um sentimento marcial, de maneira leve, e sem assustar os habitantes, que não entendiam a mudança no status militar da sua cidade.

Dresden contava com inúmeros refugiados que haviam chegado desde a província da Silésia, invadida pelos russos desde o final de janeiro de 1945, das cidades devastadas do Ruhr, de Hamburgo e de Berlim, desde que os ataques do Comando de Bombardeiros inglês se intensificou. A cidade, que antes contava seus habitantes em milhares, passou a contar em milhões. Não havia residência ou meios de comportar tantas pessoas que ali encontravam refúgio, dormindo na estação ferroviária, ou em chácaras de famílias no subúrbio, o que poderia parecer como paraíso, para quem fugia de ataques armados.

A cidade majoritariamente civil não possuía artilharia antiaérea, o que facilitou o ataque inglês, por meio da sua Força Aérea Real (RAF). Em meio a uma guerra que não atingiu os cidadãos dresdensis por quase 6 anos, mais uma vez viu-se a capacidade do homem de aniquilar um ser humano por divergências políticas, de forma generalizada. Dresden, a cidade intacta, foi intensamente atacada, como se nada ali houvesse. Os ataques começaram por símbolos arquitetônicos da cidade, como o estádio de futebol. Entre 22:13 e 22:18, do dia 13 de fevereiro de 1945, uma terça-feira, 881 toneladas de bombas caíram nos bairros centrais de Dresden¹⁸.

¹⁶ TAYLOR, 2011, p 261.

¹⁷ TAYLOR, 2011, p 273.

¹⁸ TAYLOR, 2011, p 307.

A quantidade gigantesca de bombas derrubadas pelo primeiro bombardeiro gerou uma tempestade de fogo¹⁹ nunca antes vista por aquela população, habitantes e refugiados, que ao tentar se proteger em abrigos, receberam o segundo bombardeio diretamente em si:

“Parecia que agora os britânicos estavam bombardeando os despossuídos e os sem-teto. O parque, o zoo, os alojamentos, os centros de exposições e os restaurantes foram todos demolidos pelas explosões e chamas. Isso começava a se parecer com sadismo, e esta seria a opinião de muitos observadores após a guerra. Às tripulações, cujo conhecimento que a maioria tinha a respeito do desenho urbano e das instalações de Dresden era no máximo superficial, a evidência é de que apenas parecia uma área que precisava ser bombardeada”. (TAYLOR, 2011, p 329)

O segundo ataque foi um massacre aos desabrigados e refugiados, que já vinham sofrendo os horrores dessa guerra sangrenta. A quantidade desproporcional de bombas e ataques a Dresden pela RAF intoxicou todo o ar. A cidade contava com um reservatório de água, que virou uma piscina para aqueles que tentavam fugir do fogo. A 14 de fevereiro de 1945, esse centro cultural da Alemanha acordava em ruínas. E isso parece mais do que suficiente para cessar fogo.

Teoricamente, a Força Aérea do Exército dos Estados Unidos atacaria antes dos britânicos. A previsão do tempo para dia 13 de fevereiro levou a Inglaterra a atacar antes, pela proximidade. O que sucedeu prova mais uma vez que uma briga de egos pode envolver mais pessoas do que deveria e que o homem pode ser absolutamente atroz contra o que considera como inimigo. Em Guernica, os fascistas eram favoritos pela Inglaterra e pela maioria dos países europeus, em relação ao comunismo, como preferência na tomada de poder. Em Dresden, vemos o país liderado pelo mesmo nazi-fascista como grande inimigo, porém agora havia uma guerra contra eles. Os europeus aceitaram um massacre na Espanha, acreditando que ficaria restrito à região ibérica. Foram iludidos. O nazi-fascismo tinha grandes intenções de espalhar seus ideais para todo o mundo.

O dia 14 de fevereiro rendeu à cidade alemã um novo ataque cruel, desproporcional e absolutamente desnecessário para um local já destruído. O sofrimento humano é minimizado quando o homem não fala dos seus: os seus familiares, os seus próximos, os seus parentes, os seus compatriotas, os seus entes queridos. No caso da Espanha, nem os compatriotas foram poupados. A ambição, a ganância, o poder são atrativos, e a perda de milhões de vidas comparadas a esses anseios parece pequena para quem os almeja.

¹⁹ TAYLOR, 2011, p 299.

Os sobreviventes do brutal ataque fugiram para a cidade mais próxima. Uma cidade menor, Chemnitz, que contava, antes da guerra, com uma forte indústria têxtil e de manufatura de maquinário e veículos. Em 1944, essa cidade passou a ter uma indústria voltada para fabricar veículos militares, principalmente tanques. Esse novo cenário a colocava como um alvo. A fuga dos dresdenses para Chemnitz era óbvia. Nada havia restado da “cidade intacta” e as duas cidades eram vizinhas.

Não acabaria ali o horror e desespero desses civis. Eles fugiram exatamente para o novo alvo do ataque americano. Ao destruir Dresden e Chemnitz, os aliados aniquilaram as duas cidades mais importantes da região e destruíram o sistema industrial, de transporte e de comunicações do leste da Saxônia, pouco antes da chegada dos soviéticos (os aliados abriram os caminhos para a chegada do Exército Vermelho), que avançava para a região, razão pela qual se havia colocado Dresden como área defensiva.

Por questões climáticas e de planejamento, os refugiados de Dresden e a população de Chemnitz sofreram menos neste novo ataque. A 14 de fevereiro de 1945, a força americana e a RAF se juntaram, mas o tempo estava ruim, havia nuvens que impediam a visão. Chemnitz, e todos os civis que ali estavam, sobreviveram à nova incursão e à segunda tentativa de massacre aéreo.

Os dados estimados que os oficiais alemães liberaram sobre o ataque a Dresden são assustadores:

“Avaliação até a manhã de 10 de março: 18.375 mortos, 2.212 seriamente feridos, 350 mil desabrigados e transferidos a longo prazo... O número total de mortos, incluindo estrangeiros, é estimado - com base em experiência prévia e avaliações na época da recuperação de corpos - em aproximadamente 25 mil. Embaixo da massa de escombros, especialmente no centro da cidade, pode haver muitos outros milhares de mortos, que, pelo momento, se encontram totalmente sem condições de recuperação”. (TAYLOR, 2011, p 406)

Dresden, tal qual Guernica, oferecia uma lição: os civis se tornaram alvos dos conflitos armados entre os Estados. A ideia de "campo de batalha" ficou, definitivamente, perdida em algum canto da História.

HIROSHIMA

A Segunda Guerra Mundial foi travada entre diversos povos e culturas²⁰. As relações internacionais após essa guerra teriam uma nova ordem. A Europa já não seria o centro de tudo. Em 1939, inicia-se essa grande Guerra, mas é apenas após 1941 que ela deixaria de estar centralizada no continente europeu. Havia, anteriormente, uma guerra sendo travada na Europa e uma sendo travada na Ásia. Essas duas se juntaram a partir de 1941, quando da invasão alemã à União Soviética e do ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, mudando completamente o curso da guerra.

O Japão, parte do Eixo, acreditava no nascimento de um novo Império, não apenas contra a União Soviética ou a China, mas a favor de construir uma esfera de prosperidade econômica. A política japonesa, sob o governo do príncipe Konoye, visava a substituição das potências ocidentais na Ásia. A nação nipônica se via como a grande potência influenciadora e aquela que ditaria os acontecimentos e guiaria a Ásia no cenário internacional. Os estadistas japoneses acreditavam que, tal qual alguns países europeus (principalmente França e Inglaterra), a expansão territorial do Japão era legítima de acordo com as regras vigentes na famosa "era dos Impérios".

Quando da ocupação da França pelos alemães em 1940, houve espaço para que o Japão pudesse mover sua política regional no sudeste asiático. Foi criado um pacto de não-agressão com a Tailândia e houve concessão para abertura de portos e aeroportos da Indochina para o Japão. Nesse tempo, o Japão passa a controlar as exportações indochinesas de arroz e todo o comércio local. Sua expansão, agora, extrapola e muito a região chinesa da Manchúria.

Os movimentos japoneses de expansão já moviam os olhares americanos para a região asiática. O ataque a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, inaugurou a entrada japonesa na guerra iniciada na Europa e levou a grande potência americana a se posicionar e a participar ativamente dessa guerra. O ataque levou à perda de 86 navios e mais de três mil homens mortos e feridos na base americana localizada no Havaí. Nesse momento, após a Declaração de guerra aos Estados Unidos pela Alemanha Nazista, os EUA uniam a guerra asiática e a europeia em uma só, colocando-se no centro do mundo²¹.

²⁰ SARAIVA, 2008, p 169.

²¹ SARAIVA, 2008, p 182.

Pouco tempo levou para que, após a mundialização do conflito, o Japão conseguisse a expansão almejada na sua região. Ainda em dezembro de 1941, conseguiu a rendição de Hong-Kong e já no início de 1942, controlou Bornéu, Manila, Cingapura, Bali e Timor. O Japão assumia exploração brutal dos países asiáticos, agora substituindo o colonialismo europeu na região. A nova potência asiática criava um modelo de influência invasivo, com intuito de construir países “independentes”, satélites de Tóquio²².

O Japão não conseguiu impor totalmente sua influência à região. A China conseguiu impor sua independência em relação a Tóquio, muito embora com boa parte do seu território ocupado por tropas japonesas. A balança de poder na Ásia mostraria a impossibilidade de uma hegemonia imperial e militar, pois a maioria²³ dos países da região oscilava ao longo da guerra entre aliados e Japão. O regime militar imposto por meio da força exacerbou questões étnicas e nacionais em muitos países, que passaram a se opor ao Japão.

Ao mesmo tempo, via-se os países Eixo atingirem o auge do seu sucesso em meados de 1942. Perderam a iniciativa militar em 1943, com o reforço dos avanços dos aliados. Já se sabia nesse momento que a aliança contra o Eixo teria condições de vencer essa guerra e o Japão se encontrava ao lado do Eixo. A essa altura, a única grande arma dos aliados ocidentais contra a Alemanha era o poder aéreo, que se mostrava ineficaz, com a exceção da sua eficiência para matar civis e destruir cidades²⁴. Entretanto, vale lembrar que os exércitos soviéticos já tinham tomado a iniciativa da guerra e estavam colocando pressão total contra as tropas alemãs no Leste europeu.

Em agosto de 1945, com a guerra concluída na Europa e já chegando ao final na Ásia, não se via qualquer sinal de ruptura na determinação japonesa de lutar até o fim. Para assegurar a rendição incondicional do Japão, foram lançadas bombas nucleares nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, garantindo a total rendição do Japão. Os Estados Unidos usaram o ataque a Pearl Harbor como causa para o retorno nuclear quatro anos mais tarde.

O lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, não foi justificado como indispensável para a vitória, então absolutamente certa, mas como um meio de salvar vidas de soldados americanos. É possível, no entanto, que a ideia de que isso viesse a

²² SARAIVA, 2008, p 185.

²³ SARAIVA, 2008, p 186.

²⁴ HOBBSAWM, 2011, p 49.

impedir a URSS, aliada dos EUA, de reivindicar uma participação preponderante na derrota do Japão tampouco estivesse ausente das cabeças do governo americano²⁵.

Jamais a face do globo e a vida humana foram tão dramaticamente transformadas quanto na era que começou sob as nuvens em cogumelo de Hiroshima e Nagasaki. Mas como sempre a história tomou apenas consciência marginal das intenções humanas, mesmo as dos formuladores de decisões nacionais. A verdadeira transformação social não foi pretendida nem planejada. E de qualquer modo, a primeira contingência que se teve de enfrentar foi o imediato colapso da grande aliança antifascista. Assim que não mais houve um fascismo para uni-los contra si, capitalismo e comunismo mais uma vez se prepararam para enfrentar um ao outro como inimigos mortais. (HOBSBAWM, 2011, p 177).

Os norte-americanos, portanto, decidiram fazer uso de uma nova e assustadora arma, que foi criada para a destruição em massa. Assim, duas bombas nucleares foram lançadas contra o Japão. A primeira, contra Hiroshima; a segunda, contra Nagasaki. As vítimas, principalmente civis, chegaram a mais de duzentas mil pessoas.

A crueldade dos ataques mostra a consolidação de uma nova e repugnante estratégia de guerra, que é a de tornar cidades e, conseqüentemente, civis, como alvos "legítimos" da guerra.

Considerações Finais

Considerando os três episódios analisados neste artigo, o número de mortos desses importantes marcos históricos é gigantesco. Não há como medir a quantidade de vidas perdidas em todos esses ataques. Inúmeras cidades foram bombardeadas nos eventos do século XX, mas as que trouxemos para essa discussão ganham importância e relevância ainda maior, por serem cidades, majoritariamente, civis, ou seja, ou totalmente desprovidas de alvos militares, ou com presença militar diminuta, que jamais demandaria ataques das proporções experimentadas por elas.

²⁵ HOBSBAWM, 2011, p 34.

Até para a Guerra existem regras. É certo, entretanto, que regras existem para serem quebradas. Mas, para tudo há um limite. A Segunda Guerra Mundial foi o ponto culminante de uma série de violações aos direitos humanos e às regras da guerra. Os episódios narrados neste artigo, associados ao fenômeno do Holocausto, acabaram propiciando uma nova Convenção para a proteção de civis em tempos de guerra. É nesse contexto que surge a IV Convenção de Genebra de 1949 (Proteção de Civis em Tempos de Guerra).

As Convenções de Genebra e os seus Protocolos Adicionais compõem o núcleo do Direito Internacional Humanitário, ramo do Direito Internacional que regula a condução dos conflitos armados que buscam limitar seus efeitos e as atrocidades na guerra. Protegem pessoas que não participam das hostilidades, como civis, profissionais de saúde e profissionais humanitários, bem como as pessoas que deixaram de participar do conflito, como militares feridos, enfermos, náufragos e prisioneiros de guerra. Há quatro Convenções de Genebra que versam sobre essa temática.

A Primeira, cuja primeira versão aconteceu em 1864, prevê a proteção de soldados enfermos e feridos durante a guerra terrestre, e também do pessoal sanitário e religioso, bem como os transportes e as unidades sanitárias. Também prevê distinção e reconhecimento de emblemas que devem ser protegidos e um modelo de identidade para pessoal sanitário e religioso. A Segunda substitui a Convenção da Haia de 1907, para Adaptação à Guerra Marítima dos Princípios da Convenção de Genebra, mantendo o conteúdo e as disposições da Primeira. Versa sobre a guerra naval e a proteção aos navios hospitalares.

A Terceira substitui a Convenção sobre Prisioneiros de Guerra de 1929. Há nova definição quanto às categorias de pessoas com direito ao estatuto de prisioneiro de guerra. Versa sobre a definição de condições e locais de cativeiro, sobre o trabalho, recursos financeiros e processos judiciais contra os prisioneiros, além de determinar que os mesmos devem ser soltos e repatriados após fim das hostilidades.

A Quarta Convenção de Genebra veio tratar de um público a ser protegido, que antes não era incluído: os civis. Os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, e o histórico ataque a Guernica demonstraram as consequências desastrosas da ausência de legislação para proteger os civis em tempos de guerra, ainda que uma das partes assinantes do tratado não se classifique como estado beligerante ou que esse conflito não seja internacional. A Convenção de 1949 leva em consideração as experiências dos anos anteriores. Essa nova legislação trata das pessoas

protegidas, de forma a distinguir a situação dos estrangeiros em território de uma das partes em conflito e dos civis em território ocupado.

A última Convenção é influenciada, em sua criação, pelos acontecimentos trágicos e cruéis de ataques a civis dos anos anteriores. Incluem-se nessa legislação obrigações da potência ocupante, no que tange a população civil e contém também disposições sobre o socorro humanitário às populações no território ocupado. Houve tentativa, por meio de instituições humanitárias, de incluir a proteção aos civis na Convenção de 1929, porém sem sucesso. A história nos mostra o tamanho do desastre dessa não inclusão.

A Convenção de 1949 propõe que os Estados em conflito definam, quando do início das hostilidades, zonas neutras que sejam protegidas dos efeitos da guerra, para que os civis e ex-combatentes se abriguem. Incluem-se nesses termos que os Estados parte do conflito definam posições geográficas, administração, supervisão e mecanismo de fornecimento de alimentos para as áreas neutras e dividam as informações um com o outro, para que se saibam as áreas fora de possibilidade de ataques.

A IV Convenção também menciona a importância de, em hospitais civis, haver emblemas e distintivos que indiquem a natureza do estabelecimento, para que seja óbvio para a outra parte a impossibilidade de hostilidade naquele local. Além disso, descreve em seus artigos a proteção e permissão de acesso às áreas atingidas por pessoal médico e sanitário e o acesso também por pessoal humanitário, inclusive, aos prisioneiros de guerra, de forma a permitir contato com as famílias e assegurar o bom tratamento dos mesmos pela parte que os detém.

A adoção da Convenção de 1949 mostra certo aprendizado no que diz respeito aos cuidados a serem tomados para minimizar o sofrimento humano. Os acordos de Genebra são o centro do Direito Humanitário, que teve início em 1864, junto da criação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Instituição neutra, independente e imparcial, esteve presente em todas as guerras e conflitos mencionados neste trabalho.

Muitos anos e muito sofrimento foram necessários para se entender a necessidade de proteger os civis. A população civil não tem envolvimento militar. Em alguns casos, trabalham em áreas militares. Muitos, em meio a essa população, são crianças, idosos, gestantes, ou seja, pessoas incapazes de participar ativamente de um conflito. Aqueles que fazem a política não

entram ativamente nas guerras, estão, em sua maioria, criando as estratégias e dando as ordens para aqueles que lutam.

Além disso, é importante mencionar que não são todos aqueles capazes de curar feridos ou de tratá-los, tampouco há muitos dispostos a se envolver nos conflitos para ajudar a minimizar o sofrimento de quem está à frente das linhas de batalha. Essas pessoas precisam ser protegidas. Enquanto a política ainda possui a possibilidade de ser feita por meios de agressão, deve-se ao menos existir meios de proteger aqueles que não estão envolvidos nessas decisões.

A Guerra Civil Espanhola e o ataque a Guernica, tal qual a Segunda Guerra Mundial e os ataques a Dresden e a Hiroshima muito ensinaram aos povos. Pablo Picasso, um dos artistas mais renomados do século XX, usou sua popularidade e fama para expressar o desespero de uma população desprotegida e a crueldade de um ataque aéreo a uma população civil. A obra tornou-se famosa imediatamente, mas não foi suficiente para prevenir os ataques dos anos vindouros. Devemos ressaltar a importância da persistência das instituições humanitárias em incluir a proteção a essa população e o seu trabalho que envolve a constante minimização do sofrimento humano.

BIBLIOGRAFIA

ARNHEIM, Rudolf. *El Guernica de Picasso: Génesis de una Pintura*. Tradução Esteve Riambau i Saurí. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

BEEVOR, Antony. *A Batalha pela Espanha: A Guerra Civil Espanhola 1936-1939*. Tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MANFRÉDONA, Gaétano. *Le Libertaire e Le Monde Libertaire: Espanha Libertária - A Revolução Social Contra o Fascismo*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

MAZOWER, Mark. *Continente Sombrio - A Europa no Século XX*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIZZONI, Gianni. *Pró e Contra - O Julgamento da História: FRANCO*. Tradução Nestor Deola e Ayako Deola. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Tradução Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

SARAIVA, José Flávio S..(Org.) *História das Relações Internacionais Contemporâneas da Sociedade Internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

TAYLOR, Frederick. *DRESDEN: Terça-feira, 13 de fevereiro de 1945*. Tradução Vítor Paolozzi; revisão técnica: Maurício Parada. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2011.

VILLAR, Pierre. *A Guerra da Espanha*. Tradução Regina Célia Xavier Freire; revisão técnica Claudio Batalha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Sites

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/08/12-fotos-historicas-lembram-o-horror-dos-bombardeios-em-hiroshima-e-nagasaki.html>. Acesso em: 28/04/2020.

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51486829>. Acesso em: 28/04/2020.

<https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica>. Acesso em: 28/04/2020.